

# AQUISIÇÃO FONOLÓGICA DA CODA SILÁBICA POR FALANTES BRASILEIROS DE INGLÊS – ANÁLISE A PARTIR DE PADRÕES VARIÁVEIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Rubens Marques de Lucena (UFPB)  
[rubenslucena@yahoo.com](mailto:rubenslucena@yahoo.com)

## Introdução

Embora muito já se tenha pesquisado sobre a variação linguística do português brasileiro (PB), ainda são poucos os estudos que procuraram estabelecer alguma relação entre os padrões variáveis do PB e a aquisição de línguas estrangeiras. No caso do inglês como L2, ainda são escassos os trabalhos realizados no Brasil, embora a situação comece a mudar nos últimos anos (CARDOSO, 2005; PEREYRON, 2008; LUCENA & ALVES, 2010). Este artigo, portanto, parte desse vácuo e procura estabelecer uma ponte entre a Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1966; 1972) e a Aquisição Fonológica de L2 (PATER, 1997; BROSELOW et al., 1998).

Para isso, discutiremos um fenômeno específico: o afrouxamento da condição de coda (BISOL, 1999) e suas consequências na aquisição do inglês como língua estrangeira, a partir de uma pesquisa realizada em parceria entre a Universidade Federal da Paraíba e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A partir do estudo de fenômenos variáveis do PB (no caso específico, o dialeto paraibano e o dialeto gaúcho), procuramos apontar se existe algum indício de que o dialeto do aprendiz possa exercer algum papel facilitador na aquisição de inglês como L2.

No que diz respeito à aquisição fonológica de L2, há um consenso, entre os pesquisadores da área (PATER, 1997; BROSELOW et al., 1998), de que o estágio inicial da aquisição é o sistema gramatical da L1. Nesse sentido, conforme apontam Lucena & Alves (2010), a chegada até um sistema que leve a produções semelhantes às da língua-alvo se mostra dependente da L1. Compreende-se, dessa forma, por que aprendizes de línguas maternas diferentes apresentam dificuldades distintas ao lidar com o sistema de sons da L2, bem como se valem de estratégias diferentes para “adaptar” o padrão da L2 a um mais próximo da primeira língua. Assim, fica patente a importância da análise teórica da língua materna para o entendimento da aquisição da fonologia da língua estrangeira.

Como já mencionado, o fenômeno a ser discutido neste artigo é o afrouxamento de condição de coda (BISOL, 1999). O PB apresenta um inventário de coda limitado. No que diz respeito às obstruintes, /S/ é a única consoante que é permitida na posição final de sílaba. Os segmentos /f/, /p/, /t/ e /k/ não ocorrem em posição final de sílabas, sendo a epêntese a estratégia utilizada pelos falantes de nossa língua para satisfazer essa proibição. Palavras como “afta” ou “apto” são comumente produzidos como “af[i]ta” e “ap[i]to”, respectivamente. O mesmo pode ser observado nas tentativas de produção de palavras do inglês encerradas por obstruintes, tais como “book” (produzida como “book[i]” pelos aprendizes brasileiros). A epêntese é a estratégia característica dos primeiros estágios de aquisição da L2, conforme aponta a literatura da área (SILVEIRA, 2004; ZIMMER, 2004; BAPTISTA & SILVA-FILHO, 2006; ALVES, 2008; ZIMMER, SILVEIRA & ALVES, 2009).

Para Bisol (1999), a fricativa /f/ e as plosivas /p/, /t/ e /k/ podem ocorrer variavelmente em coda, o que caracteriza o afrouxamento de condição de coda (ACC). Conforme aponta Collischonn (2002), tal fenômeno ocorre variavelmente com falantes

das cidades de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Em palavras como ‘rap.to’, os seguintes padrões variáveis podem ser encontrados: rapto ~ rap[i]to. Partiu-se da hipótese, através da observação do corpus, de que o dialeto falado na Paraíba não apresenta o afrouxamento da condição de coda (LUCENA & ALVES, 2009), o que torna os dois dialetos distintos (paraibano e gaúcho) quanto à possibilidade de produção da coda silábica.

## Metodologia

A pesquisa foi realizada com dados de falantes de inglês de alunos da Universidade Federal da Paraíba. O objeto de estudo focado na pesquisa foi a aquisição das obstruintes /p/, /k/ e /f/ em coda silábica por aprendizes brasileiros de inglês como LE que tivessem o falar paraibano como dialeto materno.

Câmara Jr. (1969) já havia observado que, em palavras como *admitir*, *apto*, *técnica*, há, na língua oral coloquial, a emissão de uma vogal /i/ entre as consoantes, não representada na escrita e que a pronúncia culta procura reduzir. No caso da aquisição da LE, essa inserção pode ser observada nas tentativas de produção de palavras do inglês como ‘equip’ ou ‘after’. A inserção é, portanto, a estratégia característica dos primeiros estágios de aquisição da LE, como colocado anteriormente. É possível observar que a inserção de uma vogal epentética faz parte do problema de fixação fonológica da estrutura silábica. A epêntese transforma em sílaba aberta uma estrutura que não é comum na língua materna, nesse caso o português brasileiro.

O objetivo da investigação também foi comparar os dados apresentados na Paraíba com os dados obtidos com o mesmo fenômeno em duas regiões distintas: Norte (com o trabalho de Cardoso (2005), realizado em Belém – Pará) e Sul (a partir dos dados de Pereyron (2008), realizado em Porto Alegre – Rio Grande do Sul). Além disso, também estava em jogo a avaliação da variável “instrução explícita” no processo de aquisição das obstruintes em coda silábica. Assim, procurou-se saber: 1) quais os contextos externos e internos envolvidos na aquisição das obstruintes por parte de falantes brasileiros de inglês que tenham o falar paraibano como dialeto materno; 2) se a instrução de caráter explícito exerce alguma influência na produção de formas mais próximas à língua-alvo; 3) se o nível de proficiência do idioma é responsável por padrões de saída menos dependentes do sistema da língua materna; e 4) se o comportamento observado com aprendizes cujo dialeto materno é o falar paraibano se mostrou muito distinto do comportamento observado em aprendizes de outras regiões do Brasil.

Foram contactados 12 aprendizes de língua inglesa, estudantes da Universidade Federal da Paraíba, campus I (João Pessoa). A partir do Oxford Placement Test (ALLAN, 2004), o nível de proficiência dos informantes foi dividido em dois grupos. O primeiro foi composto por aprendizes que atingiram pontuação entre o nível inicial (beginner) e pré-intermediário (lower intermediate); o segundo grupo reuniu os falantes que ficaram acima desse nível. A maior parte deles se encaixou no nível pós-intermediário (upper intermediate). 16 aprendizes foram submetidos ao teste, dos quais apenas 12 foram selecionados para os fins da pesquisa.

Além disso, para observar a influência da variável instrução explícita, foi necessário obter informantes que já haviam cursado a disciplina de Fonética e Fonologia da Língua Inglesa I, cujo programa de curso inclui o estudo detalhado das obstruintes, além das estruturas silábicas da língua inglesa. Desse grupo específico de falantes, 3 pertenciam ao grupo de menor proficiência e outros 3 ao de maior proficiência. O mesmo procedimento foi realizado para o grupo que não possuía

instrução fonológica explícita. Assim, as células ficaram distribuídas da seguinte forma: a) 6 informantes de menor proficiência (3 deles com instrução explícita e 3 sem instrução explícita); b) 6 informantes de maior proficiência (3 deles com instrução explícita e 3 sem instrução explícita).

A coleta de dados foi realizada através de dois instrumentos, um em português e um em inglês. Nos dois instrumentos, havia palavras contendo codas encerradas por obstruintes, inseridas em frases-veículos. As frases-veículos eram: a) Diga X; b) Diga X para mim (para as produções em português) e a) Say X; b) Say X promptly (para as produções em inglês).

Os dados foram coletados através do programa Free Sound Recorder (versão 9.2.1) e então submetidos a um tratamento estatístico com o software Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005).

A partir da variável dependente (inserção x não inserção), foram controladas as seguintes variáveis independentes:

- a) **nível de proficiência:** iniciantes/pré-intermediários x pós-intermediários/avançados.
- b) **instrução explícita:** alunos que já haviam cursado a disciplina Fonética e Fonologia da Língua Inglesa x alunos que não haviam cursado a disciplina.
- c) **tonicidade:** a tonicidade foi controlada da seguinte forma – a) tonicidade fora da coda em análise, como em “baptize” [bap.ˈtize]; b) tonicidade na sílaba em análise, como em “captain” [ˈcap.tain].
- d) **tipo de coda:** para verificar o comportamento diferenciado do tipo de coda e sua implicação na aquisição das obstruintes, foram reunidas palavras que continham coda simples e coda complexa. A hipótese levantada foi a de que nas codas complexas, como em “accept” ou “adopt”, o falante tivesse maior propensão à inserção vocálica, tendo em vista que, no português, o falante procura desfazer encontros consonantais, tendo preferência à sequência CV-CV. Assim, o falante evitaria clusters do tipo /pt/, /pd/ que se chocam com a boa formação fonotática das sílabas do português brasileiro.
- e) **posição de coda:** foram divididas as palavras que possuem coda preenchida por obstruintes em posição final, como “gossip” ou “back”, de palavras que possuem essa coda em posição medial, como “reptile” ou “after”.

## Resultados

Com o objetivo de compreender o fenômeno da epêntese através de uma visão geral, foi realizada uma rodada binária dos dados, confrontando “inserção de segmentos” com “realização da coda”.

No caso da coda encerrada por /p/, foram levantadas 768 ocorrências: 612 com inserção e 156 com a realização da coda, sem epêntese. Foram descartados todos os casos de ressilabificação, substituição ou apagamento de segmentos. Não foi observado nenhum caso de knock-out e quatro variáveis foram apontadas como estatisticamente relevantes pelo Goldvarb X. A partir da análise perceptual, a frequência global da epêntese foi de 20,3% do total de ocorrências em /p/. Os dados são muito parecidos aos obtidos por Pereyron (2008) em Porto Alegre – Rio Grande do Sul, que observou que, quando os dados foram observados através de análise perceptual, o fenômeno da epêntese ocorreu em 33% dos casos.

Com relação à coda encerrada por /f/, foram levantadas 64 aplicações do fenômeno de epêntese em um total de 771 ocorrências. A frequência global de epêntese

foi de 8,3%, índice semelhante ao de Pereyron (2008), que observou 8% de aplicação na análise acústica.

O *step-up* do programa selecionou como estatisticamente pertinentes quatro das variáveis controladas, na seguinte ordem de relevância: posição da coda, nível de proficiência, instrução fonológica explícita e tipo de coda. O *step-down* confirmou o resultado, apresentando a tonicidade como estatisticamente irrelevante para o processo de inserção vocálica em LE. A exclusão da variável tonicidade confirma os resultados de Cardoso (2005) e Pereyron (2008), que foram trabalhos realizados com a aquisição fonológica de LE.

Com relação às variáveis selecionadas, a variável “posição da coda” se mostrou a mais relevante estatisticamente (vide tabela 1): coda medial com peso relativo de 0,79 e coda final com peso relativo de 0,39. De fato, o travamento final se mostrou menos favorecedor à inserção vocálica, indo de encontro ao trabalho de Hora, Lucena & Pedrosa (2009), que comprovou que o contexto de coda final é mais favorecedor à presença de uma vogal epentética. No entanto, ainda fica a comprovação de que codas finais e mediais apresentam comportamento distinto com relação à inserção vocálica.

Os dados da posição da coda, no entanto, corroboram a hipótese aventada de que o falante se apoia no sistema fonológico da língua materna. Nesse sentido, considerando a não existência em posição de coda (seja simples ou complexa) no português, a estratégia de reparo utilizada pelo aprendiz é a de transferir uma vogal de apoio presente na língua materna para a interlíngua, facilitando assim uma melhor acomodação do falante ao sistema fonológico da LE.

**Tabela 1 – Influência da variável “posição da coda”**

<i>Posição</i>	<i>Aplicação / Total</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso Relativo</i>
<i>Medial</i>	82 / 180	45,6 %	0.79
<i>Final</i>	74 / 588	12,6 %	0.39

Input: 0.125

Significância: 0.000

No caso de codas encerradas pela obstruinte /f/, o resultados são semelhantes, conforme a tabela A:

**Tabela A – Influência da variável “Posição de coda” (coda encerrada por /f/)**

<b>Posição de coda</b>	<b>Aplicação / Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Final	29 / 584	5,0%	0,36
Medial	35 / 187	18,7%	0,85

Input: 0,054

Significância: 0,001

Como é possível observar na tabela A, os resultados indicam um peso relativo de 0,36 para codas em posição final e 0,85 para posição medial. Novamente, a hipótese de que a coda final e medial possuem comportamentos diferenciados foi confirmada.

A variável “nível de proficiência” também se apresentou como estatisticamente relevante para a transferência da regra de epêntese com /p/, como pode ser visualizado na tabela 2. De fato, quanto menor o nível de proficiência do aprendiz, maior o índice de inserção da vogal: 0,71 para informantes iniciais ou pré-intermediários e 0,28 para aprendizes pós-intermediários ou avançados. O resultado aponta, portanto, que quando mais próximo for o sistema de interlíngua do aprendiz àquele da língua materna, maior a probabilidade da sua influência nos efeitos da aquisição da LE.

**Tabela 2 – Influência da variável “nível de proficiência”**

<i>Proficiência</i>	<i>Aplicação / Total</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso Relativo</i>
<i>Menor</i>	120 / 384	31,2 %	0.71
<i>Maior</i>	36 / 384	9,4 %	0.28

Input: 0.125

Significância: 0.000

Se ativermo-nos apenas ao grupo de maior nível de proficiência, observaremos que, das 384 possibilidades de ocorrência da coda, apenas 36 foram produzidas com epêntese. No trabalho realizado por Pereyron (2008), que partiu do tempo de estudo em língua inglesa para delimitar os grupos dessa variável, o resultado da análise perceptual não foi tão relevante do ponto de vista estatístico. Os alunos com menos de 4 anos de estudo realizaram transferência em 36% dos casos, enquanto aqueles com mais de 4 anos o realizaram em 31% das ocorrências. Na análise acústica o resultado foi ainda mais desfavorável à realização da regra.

Com relação a essas divergências, podemos apontar dois possíveis motivos. O primeiro é o de que a seleção da proficiência na presente pesquisa não se deu por anos de estudo (como no trabalho de Pereyron), mas através do Oxford Placement Test, podendo ter sido mais acurado em relação ao nível real de proficiência do falante. O segundo ponto é que a análise acústica é mais precisa com relação à verdadeira produção da epêntese, o que pode acarretar uma diferença significativa com os dados da análise perceptual.

No caso das codas encerradas por /f/, temos os seguintes dados:

**Tabela B – Influência da variável “Nível de proficiência”  
em codas encerradas por /f/**

<b>Nível de proficiência</b>	<b>Aplicação / Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Lower	46/377	12,2%	0,64
Upper	18/394	4,6%	0,36

Input: 0,054

Significância: 0,001

Os resultados obtidos para esta variável (tabela B) apontam um peso relativo de 0,64 para nível iniciante à pré-intermediário, em oposição a 0,36 para nível pós-intermediário. Os dados confirmam a hipótese de que aprendizes em estágios mais

avancados de aquisição de uma língua estrangeira tendem a aproximar-se mais do sistema fonológico desta língua; enquanto aprendizes em processo inicial de aquisição geralmente utilizam a língua materna como ponto de partida, transferindo, assim, as estruturas da L1 para a interlíngua.

A hipótese de que, ao ser instruído explicitamente acerca do sistema fonológico da língua alvo, o falante é capaz de monitorar sua produção com maior acuidade, diminuindo consideravelmente a transferência dos padrões da língua materna, foi confirmada pelos resultados presentes na tabela 3, relativos aos dados das codas encerradas pela obstruinte /p/. Como é possível observar, o peso relativo para a epêntese nos aprendizes que não foram expostos à instrução explícita foi de 0,66. No outro grupo de informantes (que receberam instrução explícita a respeito dos padrões segmentais e suprasegmentais da LE), o valor do peso relativo para a inserção silábica foi de 0,33, o que mostra uma clara diferença de comportamento.

**Tabela 3 – Influência da variável “instrução explícita”**

<i>Instr. Expl.</i>	<i>Aplicação / Total</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso Relativo</i>
<i>Não</i>	109 / 384	28,4 %	0.66
<i>Sim</i>	47 / 384	9,4 %	0.33

Input: 0.125

Significância: 0.000

É possível concluir, portanto, que a instrução explícita é uma variável que se mostra tão pertinente quanto o nível de proficiência, no que diz respeito à aquisição das obstruintes em coda silábica. De fato, a instrução explícita parece ter agido como um meio através do qual o aprendiz toma consciência da forma do *input*, tendo um efeito facilitador no estágio de aquisição de LE. O resultado parece confirmar o proposto por Schmidt (1990), que afirma que se o aprendiz não atentar para o aspecto a ser adquirido, e não demonstrar um grau mínimo de consciência acerca desse aspecto, não haverá aquisição.

Os resultados parecem corroborar a proposição de Alves (2009) de que a formação de um conhecimento explícito exerce um papel muito importante para a produção de padrões de saída na LE e que esse conhecimento é relevante, na pior das hipóteses, em situações de produção monitorada dos aprendizes. Dessa forma, a formação de uma consciência explícita em determinada estrutura da língua parece aproximar cada vez mais o falante de LE de uma aquisição completa daquele sistema.

No entanto, os dados foram diferentes com relação às codas encerradas por /f/. A eliminação da variável “instrução formal” no *step-down* do programa não corrobora a hipótese levantada. Ressaltamos, porém, que o peso relativo desta variável aproximou-se bastante da neutralidade (0,50), sendo 0,47 para ausência de instrução formal e 0,53 para presença desta.

A última variável selecionada como estatisticamente relevante pelo software Goldvarb X foi o tipo de coda. Os resultados mostraram que as codas simples se mostraram mais relevantes que as complexas (conforme tabela 4) para o fenômeno da aquisição do /p/ em coda silábica.

**Tabela 4 – Influência da variável “tipo de coda”**

<i>Coda</i>	<i>Aplicação / Total</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso Relativo</i>
<i>Complexa</i>	23 / 288	8,0 %	0.35
<i>Simple</i>	133 / 480	27,7 %	0.59

Input: 0.125

Significância: 0.000

Como é possível ver na tabela 4, o peso relativo para a epêntese com coda complexa foi de 0,35, o que evidencia que esse tipo de coda se mostrou menos propício para a inserção silábica. As codas simples, por outro lado, se mostraram mais propensas a sofrerem o processo epentético, com peso relativo de 0,59.

Uma explicação possível para esse resultado é a de que tenha havido um maior monitoramento por parte dos falantes em relação aos clusters, tendo em vista que a produção de uma vogal epentética nesse contexto fosse mais provável e menos desejável (pois se distanciaria mais da pronúncia alvo). As codas simples, em que pese a menor probabilidade de inserção vocálica (a princípio, o esforço de monitoramento seria menor por parte do aprendiz), foram tratadas pelo aprendiz com menor monitoramento e, portanto, tiveram produção de saída com maior índice de epêntese. Esse comportamento, embora pareça paradoxal, não é de todo desprovido de sentido. De fato, situações em que o grau de monitoramento requer menor atenção por parte do falante parecem licenciar uma maior transferência dos padrões fonológicos da língua materna. De qualquer maneira, não é possível afirmar que os falantes tenham adquirido a coda complexa antes da coda simples. Embora a aquisição da coda simples não implique na aquisição da coda complexa, é difícil sustentar a ideia de que a aquisição de sequências complexas não facilite a produção de codas simples. Ademais, o peso relativo referente à coda simples ficou próximo ao ponto neutro (que é de 0,50).

No que se refere à aquisição do /f/ em coda silábica, a situação é inversa. De fato, os resultados apontaram maior incidência da inserção de um segmento vocálico nas codas complexas, cujo peso relativo foi de 0,70 em contraste a 0,38 para codas simples; confirmando, assim, a hipótese de que codas complexas são adquiridas com mais dificuldade que as do tipo simples, conforme tabela C.

**Tabela C – Influência da variável “Tipo de coda”  
em codas encerradas por /f/**

<b>Tipo de coda</b>	<b>Aplicação / Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Simple	42/497	8,5%	0,38
Complexa	22/274	8,0%	0,7

Input: 0,054

Significância: 0,001

## Considerações finais

Como é possível observar pelo exposto acima, fica clara a influência das variáveis nível de proficiência, posição da coda, instrução explícita e tipo de coda na transferência de padrões fonológicos do português (nomeadamente do dialeto paraibano) na aquisição da coda encerrada por obstruintes no inglês como LE. O nível de proficiência e a instrução explícita foram os fatores externos que mais influenciaram na aquisição da coda encerrada por obstruintes por parte de falantes brasileiros de inglês que tenham o falar paraibano como dialeto materno. Os fatores internos, por outro lado, foram o tipo de coda e a posição da coda.

No caso da aquisição de uma LE, o processo de epêntese parece muito mais propenso a ocorrer por fatores relacionados ao tempo de exposição à língua alvo ou à forma como essa exposição é realizada do que a fatores propriamente estruturais relacionados ao sistema fonológico da língua materna. De fato, o nível de proficiência e a instrução explícita parecem facilitar que o falante seja capaz de produzir padrões de saída menos dependentes do sistema da língua materna. A partir dessas observações empíricas é possível fornecer insumos para a prática pedagógica do professor em sala de aula, de modo que seja observada uma maior atenção ao conteúdo metalinguístico, que parece exercer um papel importante na aquisição da LE.

## Referências

- ALLAN, D. Oxford Placement Test 1. Oxford: Oxford University Press, 2004
- ALVES, U. K. A aquisição das sequências finais de obstruintes do inglês (LE) por falantes do Sul do Brasil: análise via Teoria da Otimidade. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS), 2008.
- \_\_\_\_\_. A explicitação dos aspectos fonético-fonológicos da LE: teoria e pesquisa na sala de aula. In: LAMPRECHT, R. R. et al. Consciência dos sons da língua. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.
- BAPTISTA, B. O.; SILVA-FILHO, J. L. A. The influence of voicing and sonority relationships on the production of English final consonants. In: BAPTISTA, Barbara O. WATKINS, Michael A. *English with a Latin beat: Studies in Portuguese/Spanish-English Interphonology*. John Benjamins, 2006. p. 73-90,
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do português falado – volume VII: novos estudos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 701-742.
- BROSELOW, E. et al. The emergence of the unmarked in second language phonology. *Studies in second language acquisition*. n. 20, p. 261-280, 1998.
- CAMARA JR., J. M. Problemas de Linguística Descritiva. Petrópolis (RJ): Vozes, 1969.
- CARDOSO, W. *The variable acquisition of English word-final stops by Brazilian Portuguese speakers*. Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004). Ed. Laurent Dedytspotter et al. Sommerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2005. p. 38-49.
- COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002. p. 205-230.



- HORA, D.; LUCENA, R.; PEDROSA, J. L. R. A inserção vocálica após a coda silábica: uma abordagem variacionista. In: HORA, D. (org.) *Vogais no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, Ed. UFPB, 2009.
- LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Oxford: Basil Blackwell, 1972.
- LUCENA, R. M.; ALVES, U. K. Influência do Dialeto Materno na Aquisição de Inglês (L2): o caso das obstruintes em posição de coda. *Letra Viva (UFPB)*, v. 9, p. 19-33, 2009.
- \_\_\_\_\_. Implicações dialetais (dialeto gaúcho vs. paraibano) na aquisição de obstruintes em coda por aprendizes de inglês (LE): uma análise variacionista. *Revista Letras de Hoje, Porto Alegre (RS)*. vol. 45, n. 1, jan.-mar. 2010.
- PATER, J. Minimal violation and phonological development. *Language Acquisition*, v. 6, p. 201-253, 1997.
- PEREYRON, L. Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS), 2008.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SCHMIDT, R. The role of consciousness in second language learning. *Applied Linguistics* 11, 1990. p. 129-158.
- SILVEIRA, R. *The influence of pronunciation instruction on the perception and the production of English word-final consonants*. 274 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- ZIMMER, M. C. *A transferência do conhecimento fonético-fonológico do português brasileiro (L1) para o inglês (L2) na recodificação leitora: uma abordagem conexionista*. 187 folhas. Tese – Doutorado em Letras. PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- \_\_\_\_\_; SILVEIRA, R.; ALVES, U. K. *Pronunciation instruction for Brazilians: bringing theory and practice together*. Cambridge Scholars Publishing, 2009.